

O Clube da Rua Mascarenhas de Morais: Memórias do Futebol de Mulheres em Copacabana

The Club of Rua Mascarenhas de Morais: Memories of Women's Football's at Copacabana

Caroline Soares de Almeida



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/1433>

DOI: 10.4000/pontourbe.1433

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Edição impressa

ISBN: 1981-3341

Refêrencia eletrónica

Caroline Soares de Almeida, « O Clube da Rua Mascarenhas de Morais: Memórias do Futebol de Mulheres em Copacabana », *Ponto Urbe* [Online], 14 | 2014, posto online no dia 31 julho 2014, consultado o 01 maio 2019. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/1433> ; DOI : 10.4000/pontourbe.1433

Este documento foi criado de forma automática no dia 1 Maio 2019.

© NAU

O Clube da Rua Mascarenhas de Morais: Memórias do Futebol de Mulheres em Copacabana

The Club of Rua Mascarenhas de Morais: Memories of Women's Football's at Copacabana

Caroline Soares de Almeida

NOTA DO AUTOR

Esta pesquisa foi financiada pelas instituições: Instituto de Pesquisa Brasil Plural, CNPq, CAPES, FAPESC e FAPEAM

“Era um tempo muito bom aquele. As meninas passavam por aqui. E o Margarida, ah ele era muito engraçado. [...] ele era da diretoria, passava por aqui fazendo aquelas coisas com os cartões. Coitado, morreu de AIDS. Era homossexual. Naquele tempo era assim, morria rápido. Como aquele menino, o Cazuza, né.”

- 1 A epígrafe acima foi extraída de uma conversa com o porteiro de um dos vários edifícios situados na Rua Mascarenhas de Morais: local silencioso, predominantemente residencial na encosta de um morro, completamente diferente do resto do bairro de Copacabana onde se aloca. Como tantos porteiros de prédios dos bairros da Zona Sul carioca, ele passa grande parte do dia na calçada, em frente à portaria. Assim, auxilia os moradores, cuida das plantas e vigia o movimento na rua. E durante muitos anos, o trabalhador pôde acompanhar o vaivém das jogadoras que subiam a ladeira até a sede do Esporte Clube Radar. Assim como o porteiro, durante todo meu trabalho de campo¹ procurei sentir um pouco dessa atmosfera partindo da experiência de observadora do referido bairro carioca. Caminhava pelas ruas, acompanhava pessoas, andava de bicicleta, frequentava

supermercados e feiras. Walter Benjamin usa o termo *flâneur* (andarilho) para designar aquele observador atento da Paris no século XIX (pós-reurbanização) – uma cidade conhecida na época pelos ares modernos e elegantes:

De ambos os lados dessas vias se estendem os mais elegantes estabelecimentos comerciais, de modo que uma de tais passagens é como a cidade, um mundo em miniatura. Nesse mundo, o *flâneur* está em casa e é graças a ele “essa paragem predileta dos passeadores e dos fumantes, esse picadeiro de todas as pequenas ocupações imagináveis que encontra seu cronista e seu filósofo”. (Benjamin 1994: 35).

- 2 Featherstone (2000: 186) resume Benjamin da seguinte forma: “a flânerie é um método de leitura de textos, para ler os sinais e pistas da cidade; é também um método de escrita de produzir e construir textos”. A ideia neste artigo foi tentar extrair sentidos da vida urbana em Copacabana captada através de minha experiência de campo. Estive no Rio em outubro de 2011 e junho de 2012; o bairro é sempre agitado e barulhento, dá a sensação de nunca parar. O barulho das ruas movimentadas atinge os apartamentos, o que tornava difícil a gravação de algumas entrevistas. São quatro grandes vias “corredores” – Avenida Atlântica, Avenida Nossa Senhora de Copacabana, Rua Barata Ribeiro e Rua Tonelero – entre Botafogo/Centro e demais bairros da Zona Sul. Parece existir hoje uma pequena tensão referente ao uso local, dividido entre moradores e turistas. Grande parte da comunicação se faz por meio de letreiros apresentados em, no mínimo, dois idiomas: Buffet livre a 25,90/All you can eat for 25,90. Casas de câmbio, hotéis, ambulantes, lojas de *souvenirs*. São tantos os cartazes em inglês, as publicidades de marcas globais, que podemos nos imaginar em qualquer outro lugar turístico no mundo. Você não precisa, necessariamente, criar uma história com o lugar. Longe do mar, o bairro dá ao visitante a sensação de um quase não lugar (Augé 1992). O morador, por outro lado, parece sentir-se incomodado algumas vezes, embora pareça acostumado a essa fluidez local. É comum o copacabanense soltar frases como “quero preço normal, não para turista”.
- 3 Copacabana não possui uma praça significativa. Sua verdadeira praça é a praia. Uma amiga certa vez me falou que gostava muito de morar ali devido ao fato da região ter uma grande população e ninguém fazer “fuxico” da vida alheia, bem diferente do Catete onde morava, localidade familiar onde todos se conheceriam.
- 4 Este artigo destina-se a um panorama da região de Copacabana e do Esporte *Clube Radar*. A ideia é trabalhar a urbanidade local – modismos, demografia, contextos sociais e políticos durante a década de 1980 – relacionada ao futebol de mulheres no intuito de pensar como esse clube se fez presente na vida do bairro e como o bairro se fez presente na vida do clube. Para tanto, servi-me de Gilberto Velho e de algumas revistas da década de 1980, além de entrevistas realizadas em trabalho de campo. A região apresentou um pioneirismo nessa prática – inicialmente jogado nas areias da praia. Essa característica do esporte atraiu muitos olhares, já que entre o final da década de 1970 e início da década de 1980 percebemos um grande interesse entre os esportes ao ar livre/de praia entre os jovens. Além do futebol na praia, a juventude carioca era adepta também do vôlei de praia, peteca, surfe, frescobol, entre outros. Todas essas modalidades faziam – e fazem até hoje – das areias do bairro uma grande praça esportiva.

Copacabana durante a década de 1980

- 5 Sobre Copacabana, o antropólogo Gilberto Velho escreveu vasta e detalhada obra. Iniciou suas pesquisas na década de 1970 e, desde então, acompanhou o desenvolvimento do local. Segundo o autor, já no início do século XX o bairro destacou-se por um estilo “*copacabanense mais esportivo*” (Velho 2006: 11). Vale lembrar que a ojeriza luso-brasileira ao esforço físico, herança de uma sociedade escravocrata, perdurou até mais ou menos esse período, quando as atividades esportivas passaram a ser moda entre a juventude sendo consideradas como uma opção a mais de lazer. Esse fenômeno partiu da influência dos discursos higienistas² que chegavam da Europa naquele momento. Gilberto Velho sustenta que até a década de 1940, entre as poucas casas, mansões e chácaras, habitavam pessoas de origens diversas, contando com um bom número de europeus. A praia, o calor, a diversidade cultural, somados a essa forte influência do higienismo fez de Copacabana um lugar possível para o Esporte Clube Radar, criado na década de 1930 e, posteriormente durante os oitenta, já como um dos clubes mais influentes no futebol praticado por mulheres no país.
- 6 Dados censitários apontam um declínio entre os habitantes de Copacabana a partir da década de 1970 – de 250 mil, em seu auge, passou para 214 mil em 1980 (Velho 2006: 13-14). Em compensação, há um aumento da população flutuante devido também a uma mudança no aspecto do próprio bairro: de área predominantemente residencial para comercial. Eis que o bairro acaba, assim, tomando formas mais parecidas com as que conhecemos hoje. O antropólogo ainda o classificou, para fins de pesquisa, como situado “em um meio urbano, em uma sociedade ‘complexa’, tendo uma série de características heterogêneas mas apresentando certas experiências básicas em comum” (1989: 65). O local foi vanguarda de vários modismos e práticas no país, tal qual a utilização da praia como espaço de sociabilidade entre jovens – “lugar de esportes, culto à beleza física e às relações sexuais e amorosas” (Velho 2006: 14-16). Tudo isso fez da ocupação do espaço urbano entre praia e o morro um movimento peculiar:

O turismo interno e internacional estimula o setor hoteleiro, os serviços e a vida noturna. Isto implica, também, no aparecimento de atividades semi-legais, mais ou menos escusas e nem tão subterrâneas como os vários tipos de prostituição e jogo, acompanhadas de transgressões à moral e às convenções associadas a sociedade tradicional, chegando inclusive a criminalidade. Copacabana notabilizou-se não só por suas *garotas de programa*, mas também pelos seus *travestis* e diversas formas de atender orientações sexuais diferenciadas. Certamente o bairro ocupa um lugar de destaque no mapa *gay* internacional. A organização dessas atividades reproduz complexas *redes sociais* que atravessam vários tipos de fronteira. Cria-se um *mundo social* específico, com regras e lógicas próprias, que depende de e produz mediadores entre o legal e o ilegal, o oficial e o clandestino (Idem: 16).
- 7 Assim como a Copacabana dos anos oitenta, descrita por Gilberto Velho, a atual também não para. Num mesmo dia podemos acompanhar ocupações distintas de um mesmo espaço. São trabalhadores, aposentados, travestis, *trombadinhas*, moradores de rua, prostitutas, transeuntes, policiais, banhistas, entre outros. Podemos fazer uma comparação com o estudo de Antônio Arantes (2000) sobre a Praça da Sé em São Paulo. Segundo o autor, o limiar se dá em duas dimensões: a temporal e a espacial. A divisão temporal é de fácil percepção por parte do observador, já que o horário estipula que grupos estão ocupando os espaços. A espacial, no entanto, traz a necessidade de um olhar mais apurado, um olhar de *flanêur*.

- 8 Durante o dia o corre-corre de pessoas nas ruas de comércios dá ao bairro um ar meio caótico. Poderia talvez o copacabanense aparentar um caráter anímico mais *blasé* que os demais moradores de cidades grandes (Simmel 2005), já que habita um lugar tão famoso, tão versado e mostrado ao mundo? Claro que poderíamos observar essa mesma característica entre outros sujeitos moradores de lugares de tradições semelhantes. A praia, como “praça”, assume o centro das atenções, atraindo, além de moradores, turistas e pessoas de outras localidades. As atividades esportivas se diversificaram a partir da revitalização da área e a construção de novas pistas na Avenida Atlântica na década de 1970. Agora além dos esportes na areia, o público também poderia aproveitar a ciclovia e o calçadão:

A praia cada vez mais atrai pessoas dos mais variados estilos de vida, produzindo em função dessa heterogeneidade, uma organização do espaço e do tempo com áreas e domínios delimitáveis. O famoso espaço democrático da praia tem suas regras e convenções. Por outro lado, não está livre de conflitos [...] (Velho 2006: 19).

- 9 Certeau, Giard e Mayol (2003: 38-39) nos ensinam que a organização da vida cotidiana está articulada segundo os *comportamentos* – vestuário, códigos de cortesia, ritmo de andar, modo como se evita ou como se valoriza este ou aquele espaço público – que são visíveis no espaço social da rua e, por sua vez, segundo os *benefícios simbólicos* que se espera obter de acordo com a conduta: o bom comportamento “compensa”, mas o que traz de bom? Assim, no espaço da praia, mesmo que seja constituído de pessoas tão diversificadas, de signos tão diferentes existem comportamentos convenientes que são, de certa forma, por todos respeitados. E para que seja possível uma determinada ordem é necessário que o indivíduo – “ser imediatamente social apanhado em uma rede relacional pública, que ele não controla totalmente” – seja intimado por sinais que lhe imprimam uma ordem secreta de comportar-se de acordo com as regras da conveniência” (Idem: 55-56). Ou seja, o sujeito acaba nem percebendo que se encontra envolvido nessa rede, a não ser que desconheça tais “regras” ou não as queira cumprir. Num bairro tão heterogêneo quanto Copacabana, onde tantos comportamentos dentro da ordem do convívio público acabam por não parecer abalar essa ordem, a transgressão vem, na maioria das vezes, via o choque entre o que se denominou no Rio como “favela” e “asfalto”:

O famoso espaço democrático da praia tem suas regras e convenções. Por outro lado, não está livre de conflitos, sendo o mais rotineiro o dos adolescentes e jovens favelados ou dos subúrbios em brigas internas ou hostilizando ou sendo hostilizados pelas pessoas de nível social mais elevado, com situações de furto, roubo e mesmo agressões (Velho 2006: 19).

- 10 O autor deixa claro que a praia – e podemos incluir as ruas do bairro – recebe as mais variadas classes sociais, desde que estejam de acordo com as regras do convívio. O mito Copacabana possibilitou a criação de um *ethos* particular. Em *Utopia Urbana*, Gilberto Velho faz a constatação de que as pessoas procuravam Copacabana, entre outros motivos, porque estavam em busca de *liberdade*, do que é *moderno*, de uma *variedade*, de *vida*, seja para seguir sua sexualidade, para diversão ou para prazer (1989: 67-70). É um pouco sobre essa imagem que tentarei entrelaçar a vida do Esporte Clube Radar em Copacabana.

O Esporte Clube Radar

- 11 O Esporte Clube Radar foi criado nas areias de Copacabana em 1932. Entretanto, o time exclusivamente de mulheres foi fundado apenas 49 anos depois por Eurico Lyra Filho³, advogado e ex-administrador da região de Copacabana/Leme. Após anos de proibição⁴, o

futebol entre mulheres virou moda na praia nos fins dos anos de 1970. As equipes eram formadas de acordo com as ruas do bairro, levando seus nomes: *Prado Junior*, *Ronald de Carvalho/Lido*, *Paula Freitas*, *Constante Ramos*, *Bairro Peixoto*, entre outros. Os campeonatos começaram a crescer e ganharam destaque na imprensa até chamar a atenção de marcas locais. Assim surgiram o *Belfort Roxo/Gang* e o *American Denim*, equipes que traziam os nomes de grifes conhecidas entre os jovens.

- 12 A loja *American Denim* ainda existe, porém não está no mesmo local nem mesmo exerce a mesma atração de outrora. As grifes têm uma grande influência entre a juventude. Pensando a década de 1980, em um grande centro urbano como a cidade do Rio de Janeiro, podemos pensar as grifes como um instrumento que permite a fragmentação de jovens em “tribos” - no sentido atribuído a Maffesoli. Elas distinguem diferentes tribos, ligam signos de identificação de grupos. Para tanto, dialoga com Maffesoli quando propõe que as tribos são redes de amizades de caráter urbano, nômade e, de certo modo, consumistas. As tribos remetem, ao mesmo tempo, à fragmentação e à *proxemia*: “não têm outra finalidade senão reunir-se sem objetivo, sem projeto específico, e que cada vez mais compõem a vida cotidiana dos grandes conjuntos” (Maffesoli 1998: 35). Essas redes permitem a multiplicação das relações apenas através do *jogo de proxemia*⁵. A fluidez com que as tribos se formam tem por característica um *reencantamento do mundo* que, por sua vez, “têm como principal cimento uma emoção ou uma sensibilidade vivida em comum” (Idem: 42). A grife *American Denim* - roupas e futebol - representava, nesse sentido de *cultura informal da juventude*, um desses cimentos. Uma *tribo* de jovens da Zona Sul carioca que utilizavam as roupas de grifes daquele momento, adeptos dos esportes que faziam moda nas praias.
- 13 Minhas interlocutoras, ex-jogadoras do *Esporte Clube Radar*, passaram também pela equipe do *American Denim*. Segundo afirmaram, um espaço da vitrine da loja era destinado apenas a elas. Trazia os troféus, as fotos, os uniformes, as faixas para decorar e festejar a equipe vencedora. A marca *American Denim* fazia questão de estar associada ao futebol de praia de mulheres, de ser lembrada quando as meninas entrassem em campo.



Figura 1 - Equipe do American Denim em Copacabana (Acervo Particular/Foto: Caroline Almeida).

- 14 Assim como as outras equipes, a *American Denim* era formada por adolescentes da região de Copacabana. A fórmula grife, mais futebol, mais praia, mais mulheres fez do time a

grande sensação das partidas disputadas aos domingos. As jogadoras treinavam três vezes por semana. Além disso, praticavam corrida e ginástica para o fortalecimento.

- 15 Eurico Lyra Filho, então responsável pela equipe do Belfort Roxo/Gang, partindo de toda a experiência que já possuía com o futebol de praia dos homens, organizou um campeonato apenas com equipes de mulheres. O público médio foi de quatro mil com a presença de torcidas⁶. Nos idos de 1981, Eurico formou a equipe do *Esporte Clube Radar* (ECR), tendo como base as melhores jogadoras do *American Denim*, bem como o próprio treinador dessa equipe, Almir Fernandes. A nova equipe inovou ao conseguir a parceria com grandes patrocinadores, anexando suas marcas junto ao nome oficial: *Radar/Le Coq Sportif; Radar/Unibanco, Radar/Mondaine*; entre outros. Eurico tinha um grande projeto em relação ao futebol praticado por mulheres e sua intenção parece ter ficado clara desde a fundação dessa primeira equipe do ECR. As pessoas entrevistadas em campo ressaltaram a facilidade do empresário em obter contatos. Não há como falar do futebol de mulheres dos anos de 1980 sem falar na figura dele. Não é fácil falar de alguém como Eurico. Durante minhas entrevistas, ele foi descrito de várias maneiras - repudiado, admirado, julgado. Houve quem dele se negasse a falar.
- 16 Em 1982 o time da praia foi extinto e, em seu lugar, foi criado o futebol de campo. Em entrevista, uma ex-ponta-esquerda do ECR, afirmou que, em ocasião de uma conquista de campeonato, estavam todos comemorando em uma pizzaria. Momentos seguintes, os representantes dos patrocinadores se juntaram ao grupo para dar-lhes os parabéns pela vitória:

Depois de jantar, uma companheira, que já estava meio alegrinha, levantou e falou para o pessoal do UNIBANCO: - Pô, agora poderia dar pra pagar uma graninha pra gente, né. Na mesma hora eles levantaram e falaram que estavam informando que o UNIBANCO estava retirando o patrocínio do clube. O Eurico nessa hora ficou quieto. Quer dizer, eles pagavam já.
- 17 Após esse episódio, de acordo com a entrevistada, ocorreu a mudança de praia para campo. Sem patrocinador e com a credibilidade abalada, talvez essa mudança fosse a melhor opção para a continuação dos planos. Ou ainda, fosse o caso da equipe de futebol de campo do ECR representar mais um degrau em direção a uma meta traçada pelo empresário. Por isso seu interesse pelo jogo das mulheres. Conforme relatou uma ex-jogadora, a Equipe Feminina do Radar fora montada por Eurico para servir de base à seleção. Seu grande projeto consistiria em, primeiro lugar, regulamentar o futebol, depois, criar campeonatos e, por último, uma seleção nacional. Para tanto, mesclou garotas da praia com de outras comunidades e, com o tempo, foi trazendo jogadoras de outras cidades, até de outros Estados.
- 18 Em 1982 Eurico anunciou que o ECR iria participar de um torneio na Espanha no mesmo período da Copa do Mundo da FIFA⁷. Convocou o grupo. Muitas eram menores de idade e os pais não permitiram⁸. Mas conseguiram fechar uma equipe e seguiram. Uma das ex-jogadoras contou que nas viagens, o empresário sempre “presenteava” e impressionava suas atletas com passeios e jantares. Conhecia muitas pessoas, exercia muitas influências: “Eurico conseguiu ingresso pra gente assistir o jogo da seleção na última hora, [...] enquanto os ingressos se esgotavam super rápido ele conseguiu”. Em outra ocasião, quando o ECR jogava no Chile, levou a equipe toda para visitar uma vinícola local, além de passearem aos pés da Cordilheira dos Andes.
- 19 O clube ostentava luxuosa sede na Rua Marechal Mascarenhas de Morais 191, no mesmo bairro onde tivera origem. O prédio de três andares, durante a década de 1980, foi

destinado somente à equipe de mulheres. O local ainda possuía uma piscina, utilizada tanto para os treinamentos das atletas quanto para festas e coquetéis. Era aí, durante tais atividades sociais que Eurico aproveitava para construir novas relações com pessoas influentes.



Figura 2 - Sede do E. C. Radar atualmente (foto: Google Street View)⁹

- 20 Com a equipe de futebol de campo, as jogadoras passaram a receber salários. Dados de 1984 apresentam valores entre 45.000 e 60.000¹⁰ cruzeiros por mês. Porém, embora o Radar tenha sido conhecido como um dos primeiros clubes a pagar as atletas no país, essa questão merece uma análise mais detalhada. Durante o campo, algumas interlocutoras afirmaram que enquanto pertenceram ao grupo, não sabiam da existência de salários. Sabiam da ajuda de custo às meninas que moravam em comunidades mais afastadas, ou para as que eram “de fora¹¹”. Eurico, no entanto, formara uma rede de ajuda paternalista, na qual auxiliava suas atletas: conseguia emprego para família e namorados, resolvia questões legais¹², alugava apartamentos próximos à sede, emprestava dinheiro, entre outros. Podemos dizer que se tratava de um sistema de trocas, desobedecendo às leis trabalhistas centrais para a economia de mercado, base das sociedades ocidentais, onde uma moral relativa à obrigação era gerada a partir dos favores e lazeres oferecidos (Mauss 2003: 185-196) pelo empresário. Dessa forma, Eurico apresentava-se como um ativista em prol do futebol feminino. Isso tudo pode ter reforçado as regras e ideias de obrigatoriedade de alguma retribuição, seja “dando o melhor de si” nos jogos, ou mesmo sendo leal ao clube. A lealdade também consistia em aceitar – e por que não se sentir agradecida já que estaria devendo a alguém tão dedicado? – estar na equipe sem receber ou recebendo um baixo salário. Como forma de reconhecimento do tempo pelo ECR, Eurico enviava cartas de agradecimento às jogadoras. Uma das ex-jogadoras do ECR, durante um encontro, mostrou uma carta que teria recebido. Nela podemos perceber palavras – tais como *pioneiras*, *destemor* e *autoconfiança* – que expressam um sentido de engajamento, não apenas da atleta, mas também do empresário para com o esporte. Já que essas “jovens” haviam participado – “com perfeita noção de seus direitos na sociedade” – de torneios por ele organizados. A carta é dirigida a uma jogadora genérica.

Não há a preocupação de Eurico com alguma figura além da sua própria. Aliás, o empresário, devido a seus inúmeros compromissos, não garante nem mesmo um agradecimento pessoal.

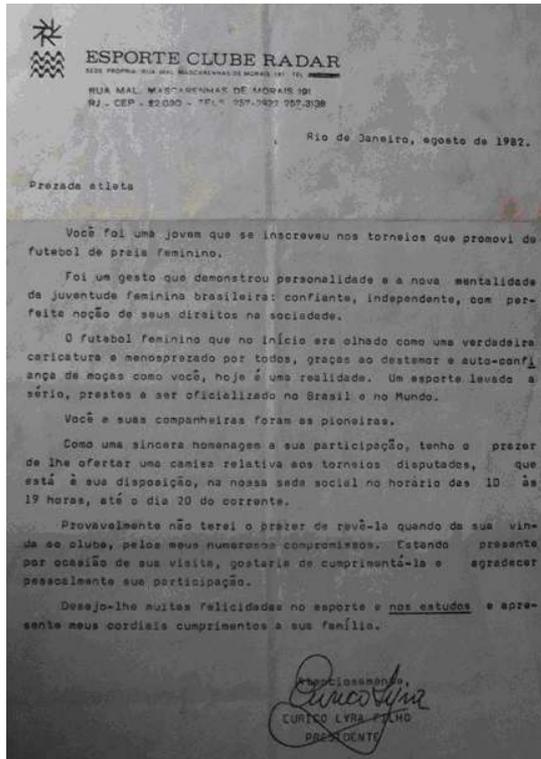


Figura 3 - Carta de Eurico (Foto: Caroline Almeida)

- 21 Nesse período o futebol praticado por mulheres estava em vias de regulamentação – ou como nas palavras da época¹³, de *Anistia*. E, conforme o sugerido na carta, graças às jogadoras, ao Radar e ao próprio Eurico, isso se tornou possível. Além disso, as palavras escritas na carta já denotam um sentido histórico ao pioneirismo das jogadoras do Radar no futebol. De acordo com as palavras do empresário, o futebol de mulheres estava em consonância com uma “nova mentalidade da juventude feminina brasileira”. Existe uma ligação clara entre a prática desse esporte e os direitos civis das mulheres num conforme que sugere a elas um devido papel social, o de revolucionárias.
- 22 O time sempre possuía um patrocinador forte, o qual trazia o nome junto ao oficial. Em 1984, o patrocínio do Banco do Rio de Janeiro girava em torno de seis milhões de cruzeiros mensais. Mesmo que o clube somasse 500 000 cruzeiros a cada amistoso jogado, Eurico não abria mão de um máximo de cinco partidas por mês: “Nesse ponto somos mais racionais do que o futebol masculino. [...] É melhor jogar pouco e bem do que muito e mal¹⁴”.
- 23 A equipe do ECR ainda era apadrinhada por Pelé. As interlocutoras afirmaram que durante um período – quando a equipe ainda jogava na praia – Alfredo Saad, empresário de Pelé, mantinha relações próximas à ELF. Contam que no réveillon de 1982 o grupo todo foi convidado para festejar junto a Pelé e Xuxa, sua namorada na época, no apartamento de Saad ao lado do *Copacabana Palace* e de frente para a queima dos fogos. Além disso, era comum – enquanto treinavam na praia – Pelé assistir pela sacada do apartamento: “a gente fazia gol e dava um tchauzinho para o Pelé”. Uma placa foi entregue ao ex-jogador do Santos e da seleção brasileira com os dizeres: “A Pelé, nosso ídolo e padrinho, maior

jogador de futebol de todos os tempos, o agradecimento, o carinho e a afeição das atletas da equipe feminina de futebol do Esporte Clube Radar¹⁵⁷.



Figura 4 - Recorte de jornal colecionado por uma das entrevistadas (Foto: Caroline Almeida)

- 24 A morte trágica e enigmática de Eurico deve ser avaliada com muito cuidado. Uns afirmam que foi ateado fogo em seu corpo, outros garantem que foi uma carta bomba. Porém, o empresário de fato teve o corpo queimado, passando ainda alguns dias no Hospital do Andaraí, no Rio de Janeiro, até falecer em 1997. Uma das ex-jogadoras conta que um pouco antes de morrer, Eurico a chamou juntamente com outras companheiras e avisou que iria remontar o time do Radar. Iria fazer novamente do ECR o melhor futebol de mulheres do Brasil. Queria saber se elas levariam adiante com ele. Seu caráter – descrito como austero, arrogante, paternal, pragmático, obscuro – é muito importante para o entendimento de parte trajetória do futebol praticado por mulheres no Brasil.

O Esporte Clube Radar e a vida em Copacabana

- 25 Torna-se importante salientar o contexto do início da década de 1980 no Brasil, principalmente na cidade do Rio de Janeiro e, por extensão, em Copacabana. A capital carioca apresentava-se em uma efervescência cultural: os exilados haviam chegado; o povo estava em forte campanha pelo voto direto; o país discutia a abertura política. Já no final da década anterior produções definidas como “alternativas” proporcionaram a compreensão de fenômenos sociais muito importantes na contemporaneidade (Pelliciotta 2000: 15) a partir do processo de massificação cultural que interfere tanto no campo da comunicação, como nas produções teatrais, musicais e artísticas do período – e de fases posteriores. Assim, o futebol, como uma prática feita por mulheres, pode ter sido impulsionado pelo *boom* das imagens esportivas, pelo aparecimento de novos ícones-atletas, pela reinserção e propagação do feminismo e de ideias feministas no país, pelo modismo das praias, entre outros.
- 26 Mas afinal o que faz do Radar um clube de Copacabana? Vimos um pouco sobre o bairro, um pouco sobre o clube e a atmosfera do futebol de mulheres nos oitenta. No entanto, falta falar sobre a relação das pessoas com o clube e com o bairro. O Radar era um espaço no qual circulavam pessoas de diferentes classes sociais. A maioria das jogadoras vinha

das camadas mais pobres da sociedade e classe média, com idades entre 15 e 28 anos. Muitas vinham de bairros da periferia da cidade como bem lembrou um entrevistado: “Jogavam muito bem aquelas meninas. Lembro que tinha até uma que eu conhecia, que morava perto da minha casa. [...] eu moro no Realengo, mas não lembro o nome dela, não. Era uma loirinha”. Essas jogadoras, bem como o próprio entrevistado, acabam caindo naquela população flutuante do bairro descrita por Gilberto Velho (2006: 16). Por outro lado, a diretoria do clube era composta por pessoas bem conhecidos entre os *habitués* locais, tais como Eurico Lyra Filho, o presidente e Jorge Emiliano dos Santos, o árbitro Margarida. O primeiro, desde jovem jogara pelo clube na praia. Além disso, fora responsável pela região administrativa Copacabana/Leme e presidente da Liga de Futebol de Praia no início da década de 1960. Já Margarida apitava os jogos de futebol de praia e, com o início dos torneios oficiais de futebol feminino, passou a apitá-los também¹⁶. Outro aspecto importante sobre as pessoas do ECR pode ser percebido em outras falas do já mencionado porteiro:

As meninas passavam por aqui, pra treinar. Quer dizer, umas não eram nem tão meninas assim. Eram meio meninas, meio... Tu entendes, né? Passavam por aqui se beijando. Ah, mas é mais ou menos como acontece hoje.

Claro, lembro sim. Lembro do Margarida. Aquele juiz, né. Muito engraçado, que fazia aquelas coisas todas. Morreu de AIDS, coitado. Hoje a pessoa pode viver muito tempo com AIDS, mas naquele tempo não.

- 27 Práticas homoeróticas não eram escondidas, ao contrário, eram comuns as manifestações nas ruas do bairro conforme salienta o depoimento do porteiro. Gilberto Velho (2006: 22-23) acredita existir em Copacabana um grande potencial para que ocorram frequentes e radicais mudanças de papéis sociais prontamente associadas a identidades complexas e multifacetadas. Talvez seja por esse motivo que os entrevistados do autor tenham optado por residir no local, entre outros motivos, por lá existir a sensação de *liberdade* (Velho 1989: 68), uma liberdade que vem associada à sexualidade do indivíduo: “viver ‘modernamente’ significa não sofrer restrições por parte de outras pessoas (Idem: 69)”. O *moderno* também se opõe ao “atraso”, que no caso do futebol praticado por mulheres significa uma proibição de trinta e sete anos em conjunto com a ideia de estereótipos masculinizantes nesse esporte.
- 28 A heterogeneidade local criou um especial grau de complexidade que passou a existir na ideia de que Copacabana “é o único bairro do Rio onde se vive” (idem: 70): é onde a vida acontece, onde tem tudo, onde se pode ser quem é; ou seja, transferindo para onde há futebol de mulheres e onde as mulheres possam jogar sem que isso pareça transgressor. O mito Copacabana tornou possível a criação de um time de futebol praticado por mulheres que reivindicasse a regulamentação desse esporte. Por outro lado, outro *ethos* esportivo local talvez tenha empurrado as mulheres para o jogo informal nas praias, criando uma dupla característica política e prazerosa presente no início da prática do futebol de mulheres no Brasil.
- 29 Estas representações todas encontram em Copacabana um lugar para se exteriorizar, pois, como foi mostrado, o bairro aparece como vanguarda de um Brasil que se transforma, onde o subjetivo se torna político, onde a luta de classes dá lugar a outras formas de lutas, com a inclusão de mulheres, negros, homossexuais nesse processo. João Manuel Cardoso de Mello e Fernando Novais (1997: 560- 658) explicam que o período decorrente entre 1964 e 1979, embora marcado por um regime autoritário, deixou a impressão de uma continuidade essencial do progresso. Uma sociedade marcada pelo privilégio de alguns, pela desigualdade, onde a estrutura social é marcada por estereótipos. Os anos de 1980

chegam sob a alcunha de “década perdida”. O declínio na economia dos países latino-americanos representou no Brasil o final do “milagre econômico”, a diminuição na produção industrial e muitos zeros cortados por cada plano econômico instituído na tentativa de conter a inflação.

- 30 Essa mistura de “década perdida” com efervescência política e cultural dos anos de 1980 foi muito representativa não apenas em Copacabana, mas no Brasil inteiro. As passeatas pelas “diretas já” juntamente com a volta dos exilados, bem como a elaboração de uma nova constituição, agora levando em conta outras culturas e aspectos sociais outrora não contemplados. “Verão da Lata”, *Rock in Rio*, os primeiros casos de AIDS conhecidos publicamente no país, inauguração do Sambódromo da Marquês de Sapucaí. Na orla carioca, a juventude acometida por toda essa atmosfera desprende-se da rigidez da ditadura e desabrocha as novidades. Temos Copacabana e Ipanema como dois bairros de vanguarda no Rio; no entanto, Ipanema caracterizava-se por uma atmosfera mais intelectual e habitada por camadas médias altas. Copacabana apresentava um público mais heterogêneo, reunindo pessoas vindas dos subúrbios. Por isso, talvez, tenha se tornado mais apropriada ao desenvolvimento do futebol praticado por mulheres que inclui jovens de camadas mais populares. Mas ambas serviram de palco a importantes conquistas. É em Ipanema que Leila Diniz surge de biquíni, grávida e fala de “amor livre” ainda na década de 1970. É lá também que Fernando Gabeira aparece usando uma tanga de crochê, mudando a imagem do que seria um líder esquerdista. Enquanto isso, em Copacabana as mulheres utilizavam o espaço da areia, local permitido agora a elas por lei para práticas esportivas, mostrando que podiam sim jogar futebol. No entanto, o que começou como uma prática das praias – logo se espalhou para os gramados, não só do Rio de Janeiro, mas de todo o país – acabou gerando determinados estigmas, frutos do ranço que acometeu o futebol jogado por mulheres durante o decorrer do século XX.

Aspectos da memória trinta anos depois

- 31 Clubes de futebol campeões fazem parte da memória urbana em qualquer cidade brasileira. No Rio de Janeiro não é diferente: a cidade nos últimos tempos vem investindo em projetos que explorem a memória carioca. Como que um “redescobrimto” da *carioquice* na música e demais artes, na moda, nos hábitos e, claro, nos esportes. O ato da memória, segundo Eckert e Rocha, é visto como a ação no mundo temporal: “imagens da cidade vivida povoam a nossa memória. [...] a descrição da cidade que somos nós e que está em nós, é uma narrativa que se transforma no jogo da memória de seus habitantes tanto quanto do etnógrafo que reinterpreta as interpretações dos habitantes que pesquisa em suas trajetórias” (Eckert & Rocha 2010: 122). O Rio de Janeiro será sede dos Jogos Olímpicos de 2016 e está sendo uma das cidades-sedes da Copa do Mundo de 2014. Dois eventos importantíssimos, que já estão movimentando enormes cifras, com expectativas de mais tantas. Eis que a memória do futebol carioca, já tão debatida, não poderia ficar de fora desse movimento. Os clubes têm histórias grandiosas: Flamengo, Vasco, Botafogo, Fluminense, América, Bangu, Olaria e outros. Todos têm o seu espaço em arquivos públicos, federações e até mesmo montagens frequentes nos mais diversos espaços. Mas o que acontece, quando a memória não é facilmente encontrada em arquivos? Entre os clubes de futebol campeões do Rio de Janeiro, temos o *Esporte Clube Radar*. Um clube, como afirmado anteriormente, campeão de todos os campeonatos nacionais em que competiu e que, por invisibilidade (Rial 2010), não está na memória dita “oficial” carioca: não está no

Museu de Imagem e Som; não está na galeria do Maracanã (antes da reforma); não é encontrado facilmente nem na FFERJ (Federação de Futebol do Estado do Rio de Janeiro). Na CBF afirmaram não “ter sido praxe” guardar documentações sobre futebol de mulheres na época. Em conversa com o responsável pelos arquivos da instituição, ele afirmou não ser a CBF a responsável pela organização das *Taças Brasil* durante a década de 1980. Segundo ex-jogadoras do Esporte Clube Radar, os dirigentes dos clubes se reuniam para decidir calendários. Os participantes ficavam restritos aos campeões dos Estados que possuíam liga de futebol de mulheres. Dessa forma, as competições aconteciam em períodos aleatórios do ano. Obedeciam à disponibilidade principalmente financeira dos clubes.

- 32 Estive no Rio de Janeiro em duas ocasiões: em outubro de 2011 quando fiz um levantamento nos arquivos da cidade, na Federação de Futebol do Estado do Rio de Janeiro (FFERJ), na Confederação Brasileira de Futebol (CBF) e no Esporte Clube Radar (ECR) e em junho de 2012 quando entrevistei ex-jogadoras do clube de Copacabana. Sem descobrir muito da memória ECR nos arquivos oficiais¹⁷, fui ver o que eu encontraria nas ruas do próprio bairro. Concentrei-me em pontos estratégicos. O primeiro deles no entorno da Rua Marechal Mascarenhas de Morais. Essa região fica bem na encosta do morro e mais próxima ao Leme. A julgar pelos edifícios residenciais, pelo comércio e pelas próprias pessoas nas ruas, trata-se de um local predominantemente habitado pelos tão estudados *white collars*¹⁸ de Gilberto Velho, além de outras camadas médias. Esse panorama inicial contrasta bastante com outras partes de Copacabana. Ainda mais porque, se caminhamos duas quadras na direção contrária chegamos até a movimentada Rua Barata Ribeiro – onde se concentra grande parte do comércio e das repartições públicas locais. É um pouco da mesma sensação de heterogeneidade, da “variedade”, apontada por Velho (1989), sobre a imagem que o próprio copacabanense tem do lugar em que vive.
- 33 A sede do clube – com 5.000 m² de área construída – ainda existe, entretanto no espaço ECR funciona hoje uma academia de ginástica. Tive acesso ao advogado do clube o qual me informou que a sociedade ainda perdura, tendo um presidente atual. O local teria sido arrendado à academia. O prédio ainda conserva parte do que outrora fora a sede: na recepção entre os espelhos quebrados e os fungos na parede permanecia uma faixa desbotada com os dizeres “E. C. Radar Campeão da Taça Brasil de 1983”. No mesmo local estão geladeiras comerciais e um balcão, com uma recepcionista. A reutilização de um espaço que outrora pertencia a um clube campeão e inspirava certo “*glamour*” por uma academia de musculação meio “enjambrada” remete a observação de Canclini sobre a adequação de monumentos a partir das novas tramas das grandes cidades. Segundo o autor, a urbanização dos grandes centros fez com que fossem encontradas novas formas de utilizações para tais monumentos a partir da hibridização de significados: “os monumentos contêm frequentemente vários estilos e referências a diversos períodos históricos e artísticos. Outra hibridação soma-se logo depois de interagir com o crescimento urbano, a publicidade, os grafites e os movimentos sociais modernos¹⁹” (Canclini 1997: 283–350).
- 34 Foi subindo a ladeira da Mascarenhas de Morais até a sede do Radar todos os dias que pude acompanhar um pouco o cotidiano dos porteiros na rua. Eles passam boa parte do dia em frente aos edifícios fazendo o serviço de portaria, além de auxiliar os zeladores em um ou outro serviço, como cuidar das plantas. Também observam atentamente o movimento na rua, conhecem moradores da região e demais porteiros. Através das

palavras de um desses trabalhadores pude perceber que a memória do ECR, que não se encontra hoje nas grandes galerias e espaços destinados ao futebol, está presente ainda e também no cotidiano daqueles que tornaram Copacabana possível.

- 35 Foquei-me também na observação da praia. A orla, como principal praça do bairro, concentra a maioria das práticas esportivas não só do copacabanense, como de muitos cariocas. Mal a tarde cai, as redes já são montadas nas goleiras para o futebol. São várias as escolinhas e times de mulheres. Foi lá que encontrei não só pessoas que conheciam o ECR, como um ex-técnico e ex-jogadoras do clube. É curioso, pois, foi longe da sede que me senti mais próxima do que teria sido um dia o Radar.
- 36 O caráter esportivo, multicultural e libertário nas regras de conveniência de Copacabana (Velho 1989) contribuiu, de certa forma, tanto para a existência, quanto para a visibilidade do *Esporte Clube Radar*. Os dois – clube e bairro – apresentam uma relação simbiótica ao pensarmos sob uma perspectiva da história do futebol de mulheres. Sabemos que durante a década de 1980, o bairro já era um dos pontos turísticos mais procurados do Brasil. É evidente que o decorrer de trinta anos pode ser bem significativo para mudanças tanto estruturais quanto sociais. Porém, esse *ethos* copacabanense ainda é percebido em seu cotidiano, principalmente na orla.

BIBLIOGRAFIA

ARANTES, A. Antônio. 2000. “A guerra dos lugares: mapeando zonas de turbulência”. In: Antônio Arantes, *Paisagens paulistanas: transformações do espaço público*. Campinas: Unicamp.

BENJAMIN, Walter. 1994. *Charles Baudelaire: um lírio no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense.

CERTEAU, M.; GIARD, L.; MAYOL, P. 2003. *A invenção do cotidiano 2: morar, cozinhar*. Petrópolis: Vozes.

ECKERT, Cornélia; ROCHA, Ana Lúcia C. 2010. *Cidade narrada, tempo vivido: estudos de etnografias da duração*. Rua n.. 1: 01-24.

ECKERT, Cornélia; ROCHA, Ana Lúcia C. 2009. “Memória e ritmos temporais: o pluralismo coerente da duração no interior das dinâmicas da cultura urbano-contemporânea”. *Estudos Históricos* n. 22: 105-124.

FEATHERSTONE, Mike. 2000. “O flâneur, a cidade e a vida pública virtual”. In: ARANTES, Antônio (Org). *O espaço da diferença*. Campinas: Papyrus. pp. 186 – 208.

LE GOFF, Jacques. 1996. *História e Memória*. Campinas: Unicamp.

MAFFESOLI, Michel. 1998. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária.

MAUSS, Marcel. 2003. “Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas”. In: MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo. pp. 185 - 318.

MOURÃO, Ludmila; MOREL, Márcia. 2005. “As narrativas sobre o futebol feminino o discurso da mídia impressa em campo”. In: *Revista Brasileira de Ciências do Esporte* n. 2: 73-86.

- NOVAIS, Fernando A; MELLO, João. C. 1998. "Capitalismo tardio e sociabilidade moderna". In: SCHWARCZ, Lilia M. (Org.). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras. pp. 560 - 658.
- PELLICCIOTTA, Mirza M. B. 2000. *Estado militar, cultura de massas e transformações políticas na década de 1970*. Campinas: Humanitas, n. 3(1): 5 - 18.
- PEREIRA, Leonardo A. M. 2000. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902 - 1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- RIAL, Carmen. 1998. "Rúgbi e Judô: esporte e masculinidade". In: GROSSI, M. e PEDRO, Joana M. (orgs). *Masculino, feminino, plural*. Florianópolis: Ed. Mulheres.
- _____. 2010. *Women's Football in Brazil: invisible but under pressure*. Copenhagen: Sport as a Global Labor Market; Male and Female athletes as migrants.
- SIMMEL, Georg. 2005. "As grandes cidades e a vida do espírito". *Mana* n. 11(2): 577 - 597.
- VELHO, Gilberto. 2006. "Os mundos de Copacabana". In: Velho, Gilberto (Org). *Antropologia Urbana: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. pp. 11 - 23.
- _____. 1989. *A utopia urbana: um estudo de antropologia social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- _____. 2008. "Prestígio e ascensão social: dos limites do individualismo na sociedade brasileira". In: *Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. pp. 41 - 54.
- _____. 1980. "O antropólogo pesquisando em sua cidade: sobre conhecimento e heresia". In: *O Desafio da Cidade - Novas perspectivas da Antropologia Brasileira*. Rio de Janeiro: Campus. pp 13-22.
- WILLIAMS, Jean. 2007. *A beautiful game: international perspectives on women's football*.
- _____. 2011. "Women's Football, Europe and Professionalization 1971-2011: Global Gendered Labor Markets", *foomi-net Working Papers*. N. 1: 1 - 37.

NOTAS

1. Referente ao trabalho de campo realizado em junho de 2012, para o trabalho de conclusão do mestrado, intitulado "Boas de bola": um estudo sobre o ser jogadora de futebol no Esporte Clube Radar durante a década de 1980, orientado pela Prof^a. Dra. Carmen Silvia Rial. Durante meu trabalho de campo no Rio de Janeiro, escolhi quatro incríveis mulheres como interlocutoras e a elas agradeço imensamente as experiências, arquivos e histórias compartilhadas. Todas as fotos foram tiradas por mim a partir dos arquivos de minhas interlocutoras.
2. Correspondia ao que o historiador Leonardo Afonso de Miranda Pereira (2000: 42-55.) descreveu como "a higienização do corpo do indivíduo, supostamente depauperado por séculos de inércia e de preguiça". É a ideia da saúde a partir da limpeza e da beleza. Durante o século XIX, a cidade do Rio de Janeiro se tornou a porta de entrada para muitas modalidades esportivas. Por ser a capital, lá se concentrava grande parte da elite e, desde a chegada da família real portuguesa. A cidade, no século seguinte, passou a transformar o espaço urbano em prol do desenvolvimento cultural. Além disso, havia grande intercâmbio de pessoas de nacionalidades diversas, o que auxiliou muito para que o Rio de Janeiro assumisse esse pioneirismo. Primeiro o remo e o turfe, depois as corridas a pé e de velocípedes: tudo vinha ganhando nova cara dentro da novidade conceitual do esporte. Novidade porque, embora muitas dessas atividades já fossem praticadas de certa forma no país, elas ainda não haviam assumido essa característica esportiva. Tratavam-se apenas de atividades rudes, sem uma capa regulamentadora.

3. Eurico Lyra sempre foi adepto do futebol. Era jogador na praia, chegando durante a década de 1960 a assumir a Federação Carioca de Futebol de Areia.
4. O futebol praticado por mulheres fora proibido por dois Decretos-Lei: o primeiro em 1941 e o segundo em 1965. Esses decretos só foram revogados em 1979.
5. Segundo o autor, o jogo de *proxemia* caracteriza-se por alguém me apresentar alguém que conhece outro alguém e assim por diante.
6. Recortes de jornal colecionados por uma de minhas entrevistadas falam de torcidas organizadas nos domingos de sol em Copacabana.
7. É importante salientar que em 1982 a FIFA não representava o futebol praticado por mulheres, nem mesmo o futsal. Poucos anos depois, essas modalidades passaram a fazer parte do quadro da Instituição. A primeira Copa do Mundo de Futebol Feminino organizado pela FIFA ocorreu apenas em 1991, na China.
8. Mesmo algumas jogadoras maiores de dezoito anos, não tiveram a permissão concedida pelos pais. Esse impedimento atingiu as “meninas”: jovens de camadas médias moradoras da Zona Sul carioca.
9. Em minha visita à sede do ECR fui proibida pelo advogado que representa o clube de tirar fotografias do prédio.
10. De acordo com a cotação do dólar em 31 de julho do mesmo ano, as jogadoras do E. C. Radar recebiam entre USD 23,75 e 31,65 por mês. O salário mínimo da época era de Cr\$57.120,00.
11. “De fora” é usado aqui como categoria nativa para jogadoras vindas de outras cidades.
12. Como passaporte, pendências jurídicas, certidões etc.
13. O lema “anistia para o futebol feminino” foi utilizado em 1982, em ocasião do I Festival Internacional das Mulheres na Arte. Em 1941, o Art. 54 do Decreto-Lei criador da CND trazia a proibição a mulheres de atividades desportivas incompatíveis com a “natureza feminina”. Já em 1965 a Deliberação n.7 condenava o já então malfadado futebol praticado por mulheres: “Não é permitida a prática de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, pólo aquático, pólo, rúgbi, halterofilismo e baseball” (Castellani Filho 1988: 61-63). Esse ato, só foi revogado, em parte, com a Deliberação CND n.10 em 1979 talvez por conta de uma série de debates que estavam acontecendo na área.
14. Boas de Bola: em campo o competente esquadrão do Radar. Revista Veja, 21 de março de 1984.
15. Da reportagem “Pelé comenta sorteio para TV mexicana” retirada de um álbum de recordações de uma de minhas entrevistadas. O álbum, porém, não traz o nome dos jornais ou referências de onde o recorte foi retirado. Trata-se de um formato escolhido pela pessoa com a finalidade de guardar suas memórias.
16. Mesmo fazendo parte da diretoria do Radar, o que lhe rendeu algumas reclamações em campo.
17. Os arquivos encontrados foram apenas notícias nos jornais na Biblioteca Nacional.
18. Os chamados “colarinhos brancos” foram assim denominados por Wright Mills em sua obra *White Collar, the American Middle Classes* de 1951. Nesse livro, o autor analisa as características econômicas, psicológicas e sociais dessa nova classe social simbolizada através da ideia do *self-made man*. Os white collars de Velho, no entanto, em geral, eram provenientes da Zona Norte e subúrbios do Rio, tendo alguns vindos do Centro, demais bairros da Zona Sul – como Flamengo e Botafogo – , assim como dos mais variados Estados do Brasil: “eram funcionários públicos, pequenos comerciantes, bancários, comerciários de certo nível, professores etc”(2008: 42).
19. O monumento é pensado historicamente, de acordo com Le Goff (1990): “a palavra latina monumentum remete para a raiz indo-européia men, que exprime uma das funções essenciais do espírito (mens), a memória (memini). O verbo monere significa ‘fazer recordar’, de onde ‘fazer recordar’, ‘iluminar’, ‘instruir’. O monumentum é um sinal do passado. Atendendo as suas origens filológicas, o monumento é tudo aquilo que pode evocar o passado, perpetuar a recordação, por exemplo, os atos escritos”.

RESUMOS

O futebol, como prática esportiva, permaneceu quase que totalmente na esfera masculina até 1979, quando foi revogada a proibição imposta às mulheres logo no início da ditadura militar. Já na década seguinte, clubes de futebol de mulheres pipocaram por todo país, entre eles, o Esporte Clube Radar fundado em 1981 no Rio de Janeiro. Com sede no bairro de Copacabana, o Radar representou durante a década de 1980 o principal clube do país: foi hexacampeão da Taça Brasil de Futebol Feminino, campeão do Torneio Brasileiro de Clubes em 1989, além de representar a Seleção Brasileira no mesmo ano em Campeonato Mundial. Este ensaio abeira sobre a questão urbana de Copacabana no intuito de pensar como esse clube se fez presente na vida do bairro e como o bairro se fez presente na vida do clube.

Football, as a sport, remained almost entirely in the male sphere until 1979 when the prohibition imposed to women was abolished at the beginning of military dictatorship. During the following decade, women's football clubs sprung up across the country, among them, the Radar Sports Club, founded in 1981 in Rio de Janeiro. Based in Copacabana, Radar represented during the 1980s the main country club: it was six times champion of the Taça Brasil de Futebol Feminino, champion of Torneio Brasileiro de Clubes in 1989, besides representing the Brazilian National Team in the World Cup in the same year. This essay addresses the urban issue of Copacabana in order to think how that club was present in the neighborhood and how the neighborhood was present in the life of the club.

ÍNDICE

Keywords: Esporte Clube Radar, women's football, Copacabana, 1980's

Palavras-chave: Esporte Clube Radar, futebol de mulheres, Copacabana, década de 1980

AUTOR

CAROLINE SOARES DE ALMEIDA

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (UFSC). E-mail:
almeidacarol@yahoo.com